

FANON, VIOLÊNCIA, GÊNERO: TRADUÇÃO DE “PREFACE TO CONCERNING VIOLENCE” (SPIVAK)

Camilo José Domingues¹

203

RESUMO

Em 2014, com a estreia do videodocumentário “*Concerning violence: nine scenes from the anti-imperialistic self-defense*”, do diretor Göran Olsson, espectadores do mundo inteiro tiveram acesso a imagens da televisão sueca do período das guerras de libertação dos países africanos. Militantes, guerrilheiros (as) e políticos de Angola, Burkina Faso, Moçambique e Zimbábue aparecem na tela acompanhados da leitura e exibição de trechos de “Os condenados da Terra” (1961), de Frantz Fanon, recitados pela *rapper* norte-americana Lauryn Hill. A abertura do videodocumentário é feita por Gayatri Spivak, que lê o seu “*Preface to Concerning Violence*”. A crítica e ativista indo-americana apresenta uma breve biografia de Fanon, tece comentários sobre a sua abordagem sobre a violência, e problematiza o tratamento da questão de gênero entre colonizadores e colonizados no período das guerras de independência. Esta presente tradução disponibiliza pela primeira vez em português a versão integral do prefácio crítico de Spivak.

PALAVRAS-CHAVE: *Preface to Concerning Violence*; Gayatri Chakravorty Spivak; Frantz Fanon.

Revisto anonimamente no processo de pares cegos.

Recebido: 06/2020
 Revisado: 07/2020
 Aprovado: 08/2020

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Received: 06/2020
Reviewed: 07/2020
Approved: 08/2020

DOI: 10.46696/issn1983-2354.RAA.2020v13n74.-85

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, orientado pelo Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho. A pesquisa conta com o apoio da CAPES. E-mail: domingues.camilojose@gmail.com.

Em 30 de dezembro de 2013, a crítica literária indiana Gayatri Chakravorty Spivak, professora da Universidade de Columbia, registrou em vídeo a leitura do “Prefácio” que havia escrito para o videodocumentário “*Concerning violence: nine scenes from the anti-imperialistic self-defense*” (“Sobre a violência: nove cenas de autodefesa anti-imperialista”), dirigido pelo sueco Göran Hugo Olsson. Em 2014, quando o videodocumentário estreou no circuito internacional de festivais de cinema e audiovisual,² o “*Preface to Concerning Violence*” (“Prefácio a ‘Sobre a violência’”), na íntegra, assinado por Spivak, era entregue ao público antes das exibições de estreia. O objetivo era proporcionar ao espectador uma contextualização histórica e teórica das imagens que veria na tela, baseadas na obra “Os condenados da Terra” (1961), de Frantz Fanon. Finalmente, o referido prefácio, em versão decupada e reduzida, também abria o próprio videodocumentário “Sobre a violência”.

No outono de 2014, a revista “*Film Quarterly*” publicou uma versão integral, com algumas alterações formais, do prefácio original escrito por Spivak. Assim, há ao menos quatro versões do referido prefácio: aquela escrita originalmente por Spivak, cuja leitura foi registrada em 30 de dezembro de 2013 (a); aquela distribuída pela produção do videodocumentário em 2014, antes de suas exibições em *première*;³ aquela decupada e reduzida, que abre o videodocumentário “Sobre a violência” (b); e aquela publicada pela revista “*Film Quarterly*”, também em 2014, baseada na primeira versão original e integral (c). A tradução a seguir é baseada na versão (a), por ser a mais completa disponível. No entanto, as versões (b) e (c) também foram utilizadas, a fim de se cotejar, de se compreender os critérios de edição estabelecidos em cada uma, e de se corrigir eventuais imprecisões encontradas. Nas notas de tradução, as versões (a), (b) e (c) serão assim sinalizadas, a fim de se identificar a qual delas corresponde cada comentário.

Em relação ao conteúdo, o “Prefácio a ‘Sobre a violência’”, discorre sobre três assuntos principais. Em primeiro lugar, Spivak apresenta algumas informações biográficas de Frantz Fanon, e comenta as suas principais ideias a respeito do enfrentamento ao colonialismo. Segundo a autora, Fanon havia concebido a luta anticolonial a partir de uma nova visão global de mundo, e não apenas a partir da formação de novos Estados-nação dentro da mesma lógica de dominação e de opressão europeia. Em seguida, Spivak defende a concepção de violência expressa por Fanon em “Os condenados da Terra”. Para ela, Sartre havia se equivocado ao caracterizar e ao criticar a obra de Fanon como sendo apenas um “aval à violência em si”. A autora argumenta que, para Fanon, a violência contra o colonizador era o último recurso do

2 Em 2014, o videodocumentário “Sobre a violência” participou dos festivais *Algiers International Film Festival*; *International Documentary Film Festival Amsterdam*; *Copenhagen International Documentary Film Festival*; *Sydney Film Festival*; *BAM CinemaFest*; *Sheffield Doc/Fest*; *Hot Docs Film Festival*; *Göteborg International Film Festival*; *Berlinale International Film Festival*; e *Sundance Film Festival*.

3 Não foi possível ter acesso a nenhum exemplar dessa versão.

colonizado, pois este já havia sido privado de todas as possibilidades de libertação. Por último, Spivak tece uma breve crítica a Fanon e aos demais porta-vozes da causa anticolonial: eles haviam negligenciado a questão de gênero. A exploração e a opressão contra a mulher eram presentes tanto entre os colonizadores, como entre os colonizados, nas próprias linhas de combate, onde as mulheres combatentes de ambos os lados eram vítimas de assédios, sevícias e estupro.

Em um cordial acerto de contas, o diretor sueco escolheu para o prefácio de sua obra uma voz um tanto dissonante da de Sartre, que havia assinado o prefácio de “Os condenados da Terra” em 1961. Em “Prefácio a ‘Sobre a violência’”, Spivak problematiza a questão da violência na luta anticolonial, e chama atenção para que a independência dos países africanos não foi capaz de eliminar problemas “estruturais de longa duração”, como a pobreza, o racismo, a falta de exercício ativo da liberdade e a indiferença às questões de gênero. O seu prefácio atualiza e renova a importância da discussão sobre a luta anticolonial e sobre a situação social e política presente nas “assim chamadas nações pós-coloniais”. Por isso, a sua tradução e disponibilização para o público lusófono reveste-se de grande importância, tanto maior porque a autora faz referência às guerras de libertação de Angola e de Moçambique, cujas cenas são apresentadas no videodocumentário “Sobre a violência”.

PREFÁCIO A “SOBRE A VIOLÊNCIA”

Gayatri Chakravorty Spivak

Frantz Fanon nasceu na ilha caribenha de Martinica, em 1925, e tornou-se⁴ um *gentleman* do Império francês. [No entanto,] Ao sair da Ilha de Martinica em direção à França metropolitana, na Europa, ele percebeu, através do seu serviço militar na armada francesa,⁵ que o privilégio de classe de que gozava em meio ao seu próprio povo negro não significava nada no país dos senhores coloniais: ele não era nada além de um homem negro. Em um famoso capítulo do seu livro “Pele negra, máscaras brancas” (que fora rejeitado como trabalho de dissertação final por uma universidade francesa),⁶ ele menciona o seu choque quando uma criança francesa branca grita para a sua mãe: “Mãe, olhe o negro!”. Mas Fanon parte precisamente desse choque para tentar entender a colonização em todo o mundo. Neste mesmo livro, no último capítulo, ele nos guia através da leitura da famosa passagem do filósofo europeu Hegel sobre a relação “Senhor e Escravo”, convertendo-a para o seu próprio uso.⁷ Hoje,⁸ ao assistirmos ao filme “Sobre a violência”, nós nos lembramos disso na cena em que os combatentes pela liberdade invocam os Estados denominados Moçambique e Angola, fronteiras estabelecidas pelos imperialistas. A lição de Fanon era a de que se utilizasse o que os próprios

4 No original, em inglês, “*grew up*”. [a, b, c]

5 Após a invasão da França pelos nazistas em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, a ilha de Martinica passou a ser comandada por forças colaboracionistas do regime de Vichy, que instaurou um governo de redobrada opressão contra a população local, o que Frantz Fanon caracterizou como sendo a autêntica face do racismo. Assim, aos 17 anos, o martinicano fugiu da ilha a fim de integrar as forças de resistência gaulistas contra os nazistas. Fanon serviu no Marrocos e na Argélia, de onde partiu para a França, servindo na região da Alsácia-Lorena. Lá, foi ferido na cidade de Colmar, em 1944, tendo, em seguida, sido condecorado por sua participação ao lado das Forças Aliadas com a “*Croix de Guerre*”. Apesar disso, a experiência de guerra foi traumática para Fanon, principalmente por ter se exposto ao racismo que prevalecia mesmo nos campos de batalha. Ao final da guerra, por exemplo, todo o seu regimento foi “embranquecido”, com a saída de todos os soldados afro-caribenhos. A experiência do racismo em plena guerra, dentro de seu próprio regimento, foi um dos gatilhos que levou Fanon a se dedicar sobre o assunto e a lutar contra ele.

6 Tratava-se do seu trabalho de conclusão do curso de medicina, na Universidade de Lyon, na França, em 1952.

7 A autora refere-se à primeira seção do quarto capítulo da obra “Fenomenologia do Espírito”, do filósofo alemão G. W. F. Hegel, publicada originalmente em 1807. Na verdade, o título da mencionada seção em alemão é “*Selbstständigkeit und Unselbstständigkeit des Selbstbewußtseins; Herrschaft und Knechtschaft*”, que significa, literalmente, “Independência e Dependência da Consciência de si; Dominação e Escravidão”. Apesar disso, a passagem é normalmente referida como a “relação ou dialética senhor-escravo/mestre-escravo”.

8 O advérbio “hoje” (*today*) está presente em (a) e (b), mas não está presente em (c).

colonizadores haviam desenvolvido e o subvertesse,⁹ de acordo com os interesses daqueles que haviam sido escravizados e colonizados. Nisto, ele está em sintonia com grandes líderes como W. E. B. Du Bois¹⁰ e Nelson Mandela. Fanon não estacionou apenas na reflexão sobre a colonização, mas queria fazer efetivamente alguma coisa a respeito disso.¹¹ Ele consagrou o seu tempo e as suas habilidades profissionais ao alívio daqueles que sofreram alguma violência.¹²

Ele foi a um país africano onde se falava francês – do mesmo modo que os insurgentes¹³ neste filme falam português –, ou seja, os habitantes haviam “criolizado”¹⁴ a língua do senhor como se fosse a deles próprios (tal concepção é compartilhada por grandes escritores como Assia Djebar, da Argélia, Njabulo Ndebele, da África do Sul, e Syed Abdul Malik, da Índia).¹⁵ Como não havia recebido nenhuma resposta de Senegal,¹⁶ Fanon acabou deixando a África subsaariana em direção à Argélia, no norte da África, onde ele, sendo psiquiatra de formação, trabalhou no Hospital Psiquiátrico de Blida-Joinville.¹⁷

9 No original, em inglês, “*turn it around*”. [a, b, c]

10 Trata-se do escritor, sociólogo, professor e militante pan-africanista norte-americano William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963). É considerado o primeiro afro-americano a obter o título de doutor nos Estados Unidos, e escreveu importantes obras contra o racismo norte-americano, identificando a sua origem nos fundamentos da sociedade capitalista.

11 Os advérbios “apenas” e “efetivamente” foram incluídos a fim de se manter a ênfase dada pela autora nas versões audiovisuais. [a, b]

12 O próximo parágrafo, assim como uma parte do seguinte, foram excluídos (decupados) de (b). Neste, a fala de Spivak é retomada em “*The French philosopher Jean-Paul Sartre...*”. Em português, abaixo: “*O filósofo francês Jean-Paul Sartre...*”.

13 No original, em inglês, “*resisters*”. [a, c]

14 Onde se lê “ou seja, os habitantes haviam ‘criolizado’”, lê-se no original, em inglês, apenas o verbo “*creolizing*”. [a, c]

15 Trata-se, respectivamente, da escritora argelina Fatema Zohra Imalayen (1936-2015), cujo pseudônimo literário era Assia Djebar; do professor e escritor sul-africano Njabulo Simakahle Ndebele (1948), atual diretor da Fundação Nelson Mandela; e do escritor indiano Syed Abdul Malik (1919-2000), notável por sua literatura em língua assamesa.

16 A autora refere-se à suposta carta escrita em 1953 por Fanon a Léopold Sédar Senghor, então deputado na Assembleia Nacional Francesa, representante de Senegal. Como Fanon havia obtido êxito nos exames prestados para assumir um posto de direção de hospital na França ou em suas colônias, cogita-se que ele teria escrito a Senghor para solicitar uma vaga em Dakar. No entanto, o deputado não lhe teria respondido. Convém salientar que, apesar de mencionada em trabalhos de alguns comentadores, não há evidência concreta da existência de tal carta escrita por Fanon (KILROY-MARAC, 2019, p. 106-107).

17 Este hospital, atualmente denominado “Hospital Psiquiátrico Frantz-Fanon de Blida”, situa-se na cidade de Blida, ao norte da Argélia, aproximadamente a 50 km da capital Argel.

Desenvolvendo¹⁸ uma teoria radical da psicopatologia colonial, Fanon ajudou aqueles que lutaram contra o colonialismo francês na FLN, a Frente de Libertação Nacional da Argélia, ele mesmo ingressando no partido em 1954. A minha amiga Assia Djebbar, que mencionei acima, trabalhou com ele na Tunísia,¹⁹ e compartilhou comigo, em detalhes, a experiência real do trabalho de Fanon:²⁰ sanar os efeitos da violência, em vez de tolerá-la enquanto tal.

Fanon morreu aos 36 anos de idade, e teríamos ganhado muito se esse homem de atitude e resolução²¹ tivesse vivido o bastante para oferecer-nos a sua sabedoria no momento em que as nações colonizadas tombaram uma após outra²² em processos de violência, luta de classes e ganância internas após a assim chamada “libertação”. Isto prova que²³ a questão da colonização é um processo ganancioso²⁴ compartilhado por toda a humanidade. Ninguém é melhor que ninguém, toda geração deve ser formada na prática da liberdade, do cuidado aos outros, como fez Fanon, e é isto o que a colonização impede. Trata-se tão somente de que,²⁵ dentro da lógica gananciosa²⁶ de acumulação do capital, a colonização permite ao racismo ignorante²⁷ já existente

18 Em (a), Spivak diz: “*working with a*”, em vez de “*developing*”. Esta última expressão foi utilizada em (c), provavelmente, para se evitar a repetição do radical “*work*”, presente na oração anterior.

19 Em (a), Spivak menciona Argélia, em vez de Tunísia. No entanto, tratou-se de um lapso da autora, pois Assia Djebbar e Frantz Fanon apenas se encontraram em Túnis, em 1958. Lá, ambos colaboraram para o jornal argelino “*El Moudjahid*”, transferido para a capital da Tunísia desde novembro de 1957 (MACEY, 2000, p. 382). Por isso, em (c), foi feita a correção, constando “Tunísia”, em vez de Argélia.

20 Em (a), a autora diz: “*the actual experience in his clinic*”, em vez de “*the actual experience of his work*”, como ocorre em (c).

21 No original, em inglês, “*man of fire and resolution*”. [a, c]

22 No original, em inglês, “*regularly fell*”. [a, c]

23 Em (a), a autora diz: “*It proves that the issue of colonization...*”. Em (c), é registrado apenas: “*The issue of colonization...*”.

24 No original, em inglês, “*a greed*”. [a, c]

25 Em (a), a autora diz: “*It’s just that, within the greed for capital formation...*”. Em (c), não consta a expressão “*It’s just that*”.

26 No original, em inglês, “*the greed*”. [a, c]

27 No original, em inglês, “*ignorant racism*”. [a, c] No idioma inglês, circulam popularmente as expressões de significado oposto “*ignorant racism*” e “*blatant racism*”. A primeira, que significa, literalmente, “racismo ignorante”, alude, na verdade, a certo racismo despercebido, subliminar ou inocente, aquele no qual o perpetrador (indivíduo, instituição ou sociedade) “ignora” ou “desconhece” que incorre numa atitude racista, ou seja, trata-se de um *racismo ignorante de si*. A segunda, cujo significado literal é “racismo flagrante”, alude a certo racismo proposital, direto e ofensivo, aquele no qual o perpetrador tem

disseminar-se nos mercados em nome da civilização, da modernização ou da globalização, como acontece hoje em dia. Este filme captura a tragédia do momento em que pessoas muito pobres²⁸ são convencidas a se oferecerem à morte violenta em nome de uma nação que irá rechaçá-las assim que ela se erguer sobre os próprios pés.

O filósofo francês Jean-Paul Sartre, ele próprio um grande anticolonialista entre os colonizadores, interpretou o livro que Fanon escreveu nas suas últimas dez semanas de vida – sabendo que ele estava marcado para morrer em decorrência de uma grave leucemia, e que ele ainda estava sendo perseguido pelo governo colonialista francês –, Sartre o interpretou²⁹ como sendo um aval à violência em si. Sartre não leu as entrelinhas, onde Fanon insiste que a tragédia é precisamente que as pessoas muito pobres estavam reduzidas à violência, porque não há outra resposta possível diante de uma ausência absoluta de alternativas³⁰ e de um exercício absoluto da violência legitimada pelos colonizadores. Aquelas³¹ vidas não valem nada se comparadas à morte dos colonizadores: são como *Hiroshimas* não reconhecidas *versus* sentimentalizados atentados de 11 de setembro.³² Aqui a lição de Gandhi em relação ao poder da resistência passiva,³³ assim como a lição contrastante de Israel no exercício da violência legitimada pelo Estado que engendra a violência do extremismo, é bastante útil hoje em dia.

É nesse contexto³⁴ que lembramos que, após a guerra contra Portugal, as novas nações de Angola e de Moçambique precipitaram-se em guerra civil, e frustraram o sonho das pessoas muito pobres de que a descolonização traria

consciência da atitude racista, tratando-se, por outro lado, de um *racismo consciente de si*. Provavelmente, ao utilizar a expressão “*ignorant racism*”, a autora buscou ressaltar o caráter histórico inicial “não-consciente de si” do racismo, ou melhor, o seu caráter inicial ainda não-justificado ou não-legitimado pela ciência, processo que se daria apenas no século XIX, no fim, portanto, do processo de colonização europeia ao qual a autora se refere na proposição acima.

- 28 No original, em inglês, “*the very poor*”. [a, c]
- 29 Em (a) e (b), a autora diz: “*Sartre read it as an endorsement of violence itself...*”. No entanto, em (c), não consta o início da oração, “*Sartre read it*”.
- 30 No original, em inglês, “*absolute absence of response*”. [a, b, c]
- 31 Em (a) e (b), a autora diz: “*Those lives...*”. Em (c), é registrado: “*Their lives...*”.
- 32 Os trechos seguintes foram excluídos (decupados) de (b). Neste, a fala de Spivak é retomada em: “*It is within the context of the aftermath of colonialism...*”. Em português, abaixo: “*É no contexto das sequelas do colonialismo...*”.
- 33 Em (a), a autora diz: “*Here the lesson of Gandhi, for the power of...*”. Em (c), a fala foi adaptada ao registro textual: “*Here the lesson of Gandhi regarding the power of...*”.
- 34 Em (a), a autora diz: “*It is in the context of that...*”. Em (c), é registrado: “*It is in this context that...*”.

uma nova era. Moçambique uniu forças com a globalização capitalista. Esta é antes a regra que a exceção. O alerta do próprio Fanon está em *“L’An V de la révolution algérienne”*.³⁵ Contra o germe de seu otimismo da vontade, ele escreve: “não é mais a época das pequenas vanguardas”, [o que pode ser compreendido como] uma descrição não intencional da guerra de guerrilhas à qual assistiremos na tela. Ao analisarmos os problemas engendrados por uma nação pós-colonial que trazem novamente à tona os problemas pré-coloniais (o que o grande historiador Fernand Braudel chamou de *“longue durée”* ou “longa duração”, “estruturas que repousam invisíveis sob a superfície das atividades sociais”), muitos de nós acreditamos que o verdadeiro desastre no colonialismo consiste em destruir as mentes dos colonizados e forçá-los a aceitar a mera violência – sem permitir nenhuma prática de liberdade –, de modo que tais mentes não sejam capazes de construir [por si mesmas] quando a aparente descolonização é alcançada.

Considerando o exemplo de líderes experientes,³⁶ como Du Bois e Mandela, nós sabemos, ou podemos ao menos ter a sensação de que Fanon teria caminhado naquela direção. [Mas,] Ao contrário de Gandhi, do jovem Du Bois, ou mesmo de Mandela, que trabalharam para os seus próprios Estados-nação, Fanon não era ele próprio um argelino, não era um membro do país o qual ajudava. Esta é uma importante lição para aqueles dentre nós que desejam pensar o mundo, em vez de meros Estados-nação.³⁷ Trata-se de aprender a lição de que a mera libertação nacional sem a prática da liberdade não pode, de fato, proporcionar um mundo socialmente justo às pessoas muito pobres. Fanon não conhecia a língua das pessoas comuns da Argélia, o árabe; ele próprio não era muçulmano, a religião majoritária da Argélia. Sabemos, portanto, que³⁸ ele não poderia conhecer o poder da religião como um discurso de mobilização política no mundo de hoje, particularmente, após a dita independência do que hoje é chamado de “mundo islâmico”. Eu trabalhava nas cabines eleitorais em Orã, na Argélia, em 1991.³⁹ É no contexto das sequelas

35 Trata-se de uma coletânea de ensaios escritos por Fanon sobre diversos aspectos da Guerra de Libertação da Argélia, a partir de pontos de vista variados, como a medicina, as mulheres ou o rádio. A obra foi publicada originalmente em 1959. Em 1966, foi reeditada sob o título *“Sociologie d’une révolution”*. Até o momento, ainda não dispõe de tradução para o português. Em (a) e (c), a autora cita o título da obra em inglês, *“A Dying Colonialism”*.

36 No original, em inglês, *“mature leaders”*. [a, c]

37 Em (a), a autora diz: *“those of us who want to think the world rather than merely nation-states, and go by identity...”*. Em (c), é registrado: *“those of us who want to think the world rather than, thinking from within a nation-state, argue from identity...”*.

38 Em (a), a autora diz: *“We also know, therefore, that he could not know...”*. Em (c), é registrado apenas: *“He could not know...”*.

39 Spivak refere-se à cidade de Orã (Wahran, em árabe transliterado), situada na costa mediterrânea da Argélia, na porção mais ocidental do país. Ao citar as eleições de 1991, a
 Revista África e Africanidades, Ano XIII – n. 35, agosto de 2020 – ISSN: 1983-2354
<http://www.africaeaficanidades.com.br>

do colonialismo – que Fanon não poderia conhecer – que a tragédia à qual assistimos neste filme deve ser cuidadosamente considerada. Trata-se de um texto didático.⁴⁰

Eu acrescento uma palavra sobre gênero. Este filme também⁴¹ nos lembra que, embora as guerras de libertação empurrem as mulheres a um aparente estado de igualdade – o que se inicia com o século XIX ou até mesmo antes –, quando a poeira assenta, a assim chamada nação pós-colonial retorna às invisíveis estruturas de longa duração de gênero. A cena mais comovente deste filme é a Vênus negra, lembrando-nos da Vênus de Mileto com o seu braço ausente, e também da Virgem negra,⁴² amamentando uma criança com o seu peito nu. Este ícone deve nos lembrar a todos que o aval ao estupro persiste não apenas na guerra, mas também, independentemente se uma nação está em desenvolvimento ou é desenvolvida,⁴³ contra mulheres combatentes em forças armadas legitimadas. O colonizador e o colonizado estão unidos na violência de gênero, que frequentemente celebra a maternidade com um *pathos* genuíno. Aqui teríamos que alçar o nosso irmão Fanon a uma nova mentalidade, mas ele, que estaria em seus 80 anos hoje, não poderia nos satisfazer nesse sentido.⁴⁴ O que posso recomendar é que também assistam a um vídeo feito por mulheres argelinas ativas na revolução chamado “*Barberousse, mes soeurs*”,⁴⁵ se conseguirem encontrá-lo.

autora refere-se ao estopim para a Guerra Civil da Argélia. Em 26 de dezembro de 1991, houve eleições legislativas no país, nas quais o partido Força Islâmica de Salvação (FIS), de oposição ao governo e à Frente de Libertação Nacional (FLN), conquistou 48% das cadeiras do parlamento no primeiro turno. Em 11 de janeiro de 1992, receosas da ascensão do partido islâmico, as forças militares cancelaram as eleições e promoveram um golpe de estado, assumindo o poder. Os direitos políticos dos principais partidos foram limitados, e milhares de membros da FIS foram presos, incluindo os seus dirigentes. Membros restantes do partido fundaram diversos grupos de guerrilha contra o governo militar, dando início à Guerra Civil da Argélia, que duraria até o ano de 2002, com a derrota oficial do Grupo Islâmico Armado (GIA).

40 No original, em inglês, “*teaching text*”. [a, b, c]

41 A palavra “*also*” foi eliminada em (c).

42 Em (a) e (b), a autora diz: “*reminding us of the Venus of Milo with her arm gone, and also black Madonna...*”. Em (c), é registrado: “*reminding us of the Venus of Milo with her arm gone, who is also a black Madonna...*”.

43 Em (a) e (b), a autora diz: “*irrespective of developing and developed nations...*”. Em (c), é registrado: “*irrespective of whether a nation is developing or developed...*”.

44 No original, em inglês: “*Here we have to promote our brother Fanon into a changed mindset, but he, who would have been in his 80s today, is not there for us*”. [a, b, c]

45 A autora refere-se ao videodocumentário “*Barberousse, mes soeurs*”, produzido em 1985, no qual o diretor argelino Hassen Bouabdellah convidou ex-detentas da prisão de Barberousse para assistirem e comentarem o filme de ficção “*Serkadji*” (1982), do diretor argelino Hadj Rahim. Neste último filme, também foi retratada a prisão de Barberousse (atualmente denominada “prisão Serkadji”), situada em Argel, onde foram encarcerados

Eis agora o nosso filme, uma ilustração e um tributo para “Os condenados da Terra” [1961], de Frantz Fanon. Eu concluo à própria maneira de Fanon, subvertendo para o nosso próprio uso o que um filósofo europeu escreveu para o uso da Europa há mais de 200 anos atrás: subvertendo Kant para o nosso próprio uso, assim como Fanon fez com Hegel: “aquilo que o povo (isto é, a inteira massa de indivíduos) não pode decidir por si mesmo e por seus companheiros também não pode ser decidido para o povo pelo soberano”.⁴⁶ O povo sob a colonização não teve nenhuma prática da liberdade. Não se pode decidir sem prática. Aqueles que você vê na tela são uma pequena parte do povo, a mais pobre entre os pobres, levada à violência por líderes soberanos: bucha de canhão. Esta prática ocorre em todas as forças armadas,⁴⁷ em todos os movimentos de resistência, em nome da nação e da religião. Aqui Fanon teria sido útil hoje. Mas, em relação à discussão de gênero, nós mesmos (as) teremos que tratar dessa questão, atribuindo gênero às pessoas.⁴⁸ Nossos irmãos Kant e Fanon não são úteis aqui. Eu agradeço a Göran Olsson por colocar-nos essas tarefas.

Nova York, 30 de dezembro de 2013

(as) centenas de combatentes da Frente de Libertação Nacional, e onde também ocorreram inúmeras execuções. No entanto, a referência ao videodocumentário “*Barberousse, mes soeurs*” foi excluída (decupada) em (b).

46 No original, em inglês: “*anything which the people (i.e. the entire mass of subjects) cannot decide for themselves and their fellows cannot be decided for the people by the sovereign either*”. [a, b, c] Trata-se de uma citação livre – *subvertida* – feita pela autora, referente a uma passagem dos escritos sobre política e filosofia do direito do pensador alemão Immanuel Kant, precisamente aquela contida na segunda seção, “*Vom Verhältnis der Theorie zur Praxis im Staatsrecht – Gegen Hobbes*” (“Da relação da teoria à prática no direito político – contra Hobbes”), de seu ensaio intitulado “*Über den Gemeinspruch: Das mag in der Theorie richtig sein, taugt aber nicht für die Praxis*” (“Sobre a expressão corrente: isto pode ser correcto na teoria, mas nada vale na prática”, 1793). Na referida seção, Kant dialoga com Thomas Hobbes sobre o contrato social que firma os papéis dos cidadãos e do chefe de Estado, salientando, diferentemente do inglês, que o povo não poderia se rebelar, ou se valer da violência contra o soberano. O fragmento citado pela autora é: “o que um povo não pode decidir a seu respeito também o não pode decidir o legislador em relação ao povo”. As traduções dos títulos e desta última passagem do referido trabalho de Kant estão de acordo com a versão para o português europeu, feita por Artur Mourão.

47 Em (a) e (b), a autora diz: “*This practice goes in all armies...*”. Em (c), é registrado: “*This practice goes on in all armies...*”.

48 Em (a) e (b), a autora diz: “*But we must ourselves gender the people*”. Em (c), é registrado: “*As for gendering, we must ourselves gender ‘the people’*”.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Prof. Dr. Jesiel Oliveira (POSAFRO-UFBA) por ter me apresentado o texto ora traduzido e por ter me suscitado o interesse no mesmo.

REFERÊNCIAS

BARBEROUSSE mes sœurs. Direção de Hassen Bouabdellah. Argélia: RTA Radio Télévision Algérienne, 1985. 62 min.

CIEPLAK, Piotr. Concerning Violence – Nine Scenes From the Anti-imperialistic Self-Defense (2014). [resenha] **Genocide Studies and Prevention: An International Journal**: v. 11, n. 1, 2017, p. 126-128. Disponível em: <<http://doi.org/10.5038/1911-9933.11.1.1489>>. Acesso em 28 mai. 2020.

ONCERNING VIOLENCE: nine scenes from the anti-imperialistic self-defense. Direção de Göran Hugo Olsson. Produção de Tobias Janson e Annika Rogell. Denmark, Finland, Indonesia, Norway, Sweden, United Kingdom, United States: Final Cut for Real, Helsinki Filmi Oy, Kino Lorber Edu, Louverture Films, Story AB, 2014. 89 min. [b]

CORDEIRO, Ana Dias. Este é um filme sobre os mecanismos da violência. [internet] **Jornal Público**, Lisboa, 28 de abril de 2015. Caderno Ípsilon, p. 29-30. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/04/28/culturaipsilon/noticia/concerning-violence-tudo-o-que-queiro-e-que-as-pessoas-oicam-frantz-fanon-1693767>>. Acesso em 29 mai. 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Tradução de José Laurênio de Melo.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Phänomenologie des Geistes. In: _____. **Werke**, v. 3, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979. Disponível em: <<http://www.zeno.org/nid/20009176640>>. Acesso em 27 mai. 2020.

KANT, Immanuel. **Kant: Political Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Tradução de H. B. Nisbet.

_____. **Sobre a expressão corrente**: Isto pode ser correcto na teoria, mas nada vale na prática. LusoSofia press. Tradução de Artur Mourão. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/kant_immanuel_correcto_na_teorja.pdf>. Acesso em 27 mai. 2020.

_____. Über den Gemeinspruch: Das mag in der Theorie richtig sein, taugt aber nicht für die Praxis. In: _____. **Werke in zwölf Bänden**, v. 11. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977. p. 127-173. Disponível em: <<http://www.zeno.org/nid/2000919195X>>. Acesso em 27 mai. 2020.

KILROY-MARAC, Katie. **An Impossible Inheritance**: Postcolonial Psychiatry and the Work of Memory in a West African Clinic. Oakland: University of California Press, 2019.

MACEY, David. **Frantz Fanon**: a biography. London, New York: Verso, 2000.

MILLEPIED, Anne-Charlotte. Göran Hugo Olsson, Concerning Violence. [resenha] **Lectures**, Les comptes rendus, 2015, publicado em 23 jun. 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lectures/18522>>. Acesso em 28 mai. 2020.

RAYMOND, Michel. Pour une lecture polyphonique – Assia Djebar : langage tangage, langage tatouage. **Pratiques** : linguistique, littérature, didactique, n. 123-124, 2004. p. 75-111. Disponível em: <<https://doi.org/10.3406/prati.2004.2051>>. Acesso em 27 mai 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Concerning Violence Preface. [registro audiovisual] **Vimeo**, 14 jan. 2014. Disponível em: <<https://vimeo.com/84141387>>. Acesso em 27 mai. 2020. [a]

_____. Preface to Concerning Violence. **Film Quarterly**, v. 68, n. 1, outono/2014, p. 61-62. Disponível em: <<https://doi.org/10.1525/fq.2014.68.1.61>>. Acesso em 25 mai. 2020. [c]

VILELA, Ana Laura Silva. Violência Colonial e Criminologia: Um confronto a partir do documentário Concerning Violence. **Direito e Práxis**, v. 9, n. 4, outubro/2018, p. 2011-2040. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2018/30110>>. Acesso em 28 mai. 2020.